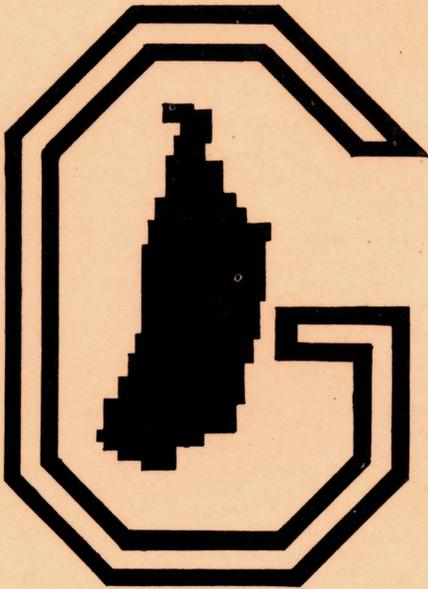


ISSN 0101-708X



UFG – IQG

DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

# BOLETIM GOIANO DE GEOGRAFIA

PUBLICAÇÃO SEMESTRAL — VOL. 3 N. 1-2 — JANEIRO/DEZEMBRO 1983

## GOIÁS E A IMIGRAÇÃO (I)

JAN MAGALINSKI\*

JÚLIA MARIA MAGALINSKI\*\*

### INTRODUÇÃO

Convencionalmente se denominam Imigrantes os indivíduos provenientes do exterior e que se deslocam para o Brasil com intenções de aí permanecer. (2) Emigrantes são os que, percorrendo sentido in verso, saem do Brasil para viver no exterior. E Migrantes são as pessoas que se deslocam dentro do próprio país.

Diversas são as causas que provocam esses tipos de movimento entre a população. (3).

O assunto da imigração será abordado sob o ponto de vista histórico. Nesse sentido, os imigrantes serão tratados como um povo, como um grupo. Poder-se-á fazer referência especial a este ou àquele indivíduo, mas sempre tendo como referência o grupo a que pertence.

O imigrante é, em princípio, uma pessoa livre, e tem o direito de decidir sobre seu próprio destino, direito esse assegurado a todos os indivíduos pela Declaração Universal dos Direitos do Homem. E por isso, ora tocado pelo espírito de aventura, ora pressionado pelas dificuldades de sobrevivência, procura para si, para sua família ou grupo de indivíduos, oportunidades melhores.

Intempéries, guerras, depressões econômicas e outros fenômenos de diversas ordens podem provocar o deslocamento de grandes massas humanas. Não buscaremos exemplos no passado remoto, pois a história atual está repleta de fatos. Senão vejamos: a saída do povo palestino da sua própria terra e do Líbano, motivada pela política de Israel; a fuga dos afegãos diante das perseguições do regime político instalado à força no Afeganistão e, mais de perto, as nossas migrações de nordestinos que fogem da seca avassaladora; a

---

\* Historiador e Técnico do Instituto de Desenvolvimento Urbano e Regional - INDUR.

\*\* Geógrafa e Técnica em Planejamento do Instituto de Planejamento da Prefeitura Municipal de Goiânia - IPLAN.

retirada das populações que habitavam as proximidades do Etna. E, se olharmos para o nosso mundo conturbado, exemplos surgem a cada passo.

Existem, de modo geral, países mais caracterizados pela saída de sua população, e outros por serem receptores das massas deslocadas. Na realidade há países predominantemente emigratórios, e outros, predominantemente imigratórios. Os países europeus são historicamente conhecidos como emigratórios. São países que liberam suas populações, por diversas razões, a procurarem outras plagas. Países imigratórios são aqueles que recebem esse contingente populacional, proporcionando-lhe pelo menos expectativa de melhores condições de vida. De modo geral são países do Novo e Novíssimo Continentes, e dentre eles o Brasil.

País de imigração por excelência, com regiões de baixa densidade demográfica, o Brasil, ao longo de sua história, recebeu vários contingentes alienígenas de diversas partes do mundo. Apesar dos problemas econômicos que vem enfrentando, ele pode ainda receber mais imigrantes desde que trace bem sua política imigratória e colonizadora.

Não é de nosso interesse analisar, nesta oportunidade, as diversas etapas da imigração para o Brasil, porque chega-se à conclusão de que todas elas obedecem a diferentes estímulos, e emigram em condições diferentes, tanto por parte do país de origem como do país que os acolhe.

Não desejando buscar explicações à imigração na antiguidade, e procurando permanecer apenas na nossa realidade, afirmamos que a nossa história da imigração dirigida começou em 1847, e notam-se, desde então, duas tendências de política imigratória: a substituição de mão-de-obra escrava e o preenchimento dos vazios demográficos.

Na primeira República importava-se imigrantes para trabalhar nas fazendas de café. Essa iniciativa era particular, apenas apoiada pelo governo. Já a colonização visava promover o povoamento das áreas desabitadas através da formação de núcleos coloniais. Nesses núcleos os colonos recebiam pequenas áreas que seriam suas propriedades, e a produção se destinava ao abastecimento de centros urbanos. Essas iniciativas de colonização eram tomadas pelo governo.

Enquanto o imigrante, de modo geral, era aquele que trabalhava na propriedade alheia e em troca de seu trabalho recebia

mercadorias ou dinheiro e, em certos casos, ambas as coisas, o colono era o que desbravava e lavrava sua própria terra, vendendo o fruto de seu trabalho nos centros urbanos para os comerciantes ou consumidores diretos.

Após a Segunda Grande Guerra, o termo "colono" perdeu seu significado original, pois o Brasil não se interessou mais, a partir de 1953, em preencher os espaços vazios com o elemento alienígena e sim com o elemento nacional. Atualmente os "colonos" são migrantes que se estabelecem nas áreas ainda desocupadas, como por exemplo, no sul do Mato Grosso do Sul, ao norte do Mato Grosso e em algumas áreas ao norte de Goiás. Na maioria dos casos a iniciativa é de particular. As terras ou são compradas de particulares, ou então, são terras devolutas.

Os estrangeiros que aqui chegaram, mesmo os que se estabeleceram em forma de cooperativas agropastoris, não eram mais chamados de colonos e sim de imigrantes. Os próprios deslocados de guerra, tomando consciência do termo, não sentiram como colonos e sim como imigrantes.

Devido à amplitude do fenômeno imigratório, é impossível a bordá-lo como um todo.

Propomo-nos, inicialmente, não fazer uma análise mas simplesmente a mostrar, a título de exemplo, de que forma o contexto histórico internacional provocou o movimento imigratório para o Brasil em dois diferentes momentos:

1º em torno de 1905;

2º em meados de 1947.

1º momento: caracteriza-se por um grupo de imigrantes constituído basicamente por agricultores.

Circunstâncias históricas: houve, a partir do século XIX, grande crescimento demográfico nos países ocidentais da Europa, trazendo, como não poderia deixar de ser, alterações sócio-econômicas. As tensões e pressões surgidas refletiram-se sobre as classes mais pobres e estas, devido a insatisfações com a estrutura vigente, preferiram emigrar. Com relação à Polônia, por exemplo, ocupada e dividida entre Áustria, Prússia e Rússia, houve terríveis pressões de desnacionalização. Era vedado aos poloneses, entre muitas outras coisas, o uso de sua própria língua pátria. A opressão se sentia de tal forma que era insuportável viver sob o jugo estrangeiro, principalmente russo e prussiano. O êxodo rural e a não absorção da mão-de-obra citadina, entre outros fatores adversos, fizeram com que

essa massa humana optasse pela emigração em busca de terra, de paz, e liberdade, aspiração essa que lhes era negada na Polônia (4).

Por outro lado, com a abolição da escravatura no Brasil, houve necessidade de importação de mão-de-obra barata. Não só às fazendas de café ressentiam-se da falta de braços fortes para o trabalho como as próprias cidades necessitavam de mais alimentos. Então o governo optou pela imigração européia. Através de seus agentes, o Brasil recrutou grande contingente de imigrantes poloneses que, devido ao clima mais propício, foram para o sul do país para colonizar as terras férteis e produzir nelas os alimentos necessários.

2º momento: o grupo desejado pelo governo seria novamente constituído apenas por agricultores.

Circunstâncias históricas: o regime do III Reich, para suprir a falta de mão-de-obra nacional, recorreu a mão-de-obra estrangeira; primeiro trouxeram os prisioneiros de guerra, que deveriam trabalhar nos serviços que lhes eram determinados. Em seguida foram os civis, trazidos dos países ocupados pelos alemães. Essa transferência em massa de pessoas deu-se de forma brutal; jovens e adultos foram arrancados de seus lares e transportados feito gado para trabalhar na Alemanha. Havia determinação de trabalho e as condições desses trabalhadores era de semi-escravidão. A Alemanha em particular e os países de Eixo, passaram a dispor de grande contingente de estrangeiros que fazia mover as fábricas e executava os trabalhos da agricultura.

Finda a guerra, com a vitória dos Aliados, esse contingente de estrangeiros deveria abandonar a Alemanha e regressar a seus países de origem. Essa resolução foi tomada em Yalta pelos chefes de Estado das Forças Aliadas, em 1945.

Entretanto, ocorreu o seguinte: a população dos países livres como a França, Itália e outros, imediatamente regressou a seus lares. Quanto aos habitantes de países ocupados pela URSS a Polônia, Tchecoslováquia, Hungria, Ucrânia e outros, por motivos sociais, políticos, religiosos, etc. nem todos desejavam regressar, ou melhor, serem repatriados. Estabeleceu-se um impasse, e as autoridades inicialmente forçaram essas pessoas a retornarem a seus países conforme o acordo firmado em Yalta. Depois, quando se conseguiu apresentar argumentos que provaram a inviabilidade desse repatriamento, é que houve mudança de atitude por parte das autoridades. Diante da recusa de repatriamento, a URSS usou métodos persuasivos e posteriormente opressivos para realizar seu intento com os cidadãos soviéticos.

cos. A Polônia usou apenas métodos persuasivos e os demais países do bloco comunista seguiram-na, menos a Ucrânia e a Bielorrússia(5).

Cessada essa operação, a United Nations Refugee Repatriation Association - UNRRA, dando por cumprida sua missão, cedeu lugar a outra entidade do mesmo nível, a International Refugee Organization - IRO, que iniciou suas atividades a partir de 1947, com o fim específico de proporcionar condições de emigração a pessoas que não quizessem ser repatriadas.

O Brasil, um dos signatários da Carta da ONU, foi convocado para receber parte dessas pessoas que internacionalmente se denominavam "Displaced Persons" - Deslocados de Guerra, e propiciar-lhes condições de refazerem seu lar, e de começarem vida nova.

Procuremos agora, delimitar o objetivo deste estudo no tempo e no espaço.

O tema é a emigração, com destino ao Estado de Goiás. Sendo um Estado de povoamento relativamente recente (cerca de 250 anos), o assunto poderá ser abordado, ainda que superficialmente, considerando-se toda a história de Goiás, desde as suas origens até os dias de hoje.

## HISTÓRIA DA IMIGRAÇÃO PARA GOIÁS

Na história da imigração para Goiás, temos três situações diferentes:

a - Imigrantes que vieram espontaneamente.

A imigração espontânea é difícil de ser controlada, pois a seu respeito não há registros de qualquer natureza. As pessoas chegam, trabalham, mudam-se de lugar para lugar, e de repente desaparecem sem deixar vestígios. Entretanto, se estas pessoas se agrupam e formam pequenas comunidades, é mais fácil estudá-las porque sua presença está na memória de alguns membros, pelo menos. Este estudo é penoso e em Goiás ninguém o realizou ainda, muito provavelmente pelo fato de ser excessivamente oneroso e exigir que se faça levantamentos de dados em grande parte dos municípios do Estado, sendo necessária também grande disponibilidade de tempo.

Como de modo geral não há qualquer tipo de estímulo e de apoio para trabalhos desse gênero, seja nos órgãos públicos, seja nas universidades, o trabalho vai sendo protelado e os poucos dados existentes vão se perdendo à medida que desaparecem tanto os documentos quanto as pessoas que poderiam nos prestar algum tipo de informação.

b - Imigrantes que vieram em grupos organizados (imigração dirigida)

Vieram em grupos organizados diretamente pelo governo, ou organizados por particulares contando com apoio governamental.

Do ponto de vista político, na história de imigração em Goiás, merece destaque a realização da I Conferência Brasileira de Imigração e Colonização em Goiânia, de 30 de abril a 7 de maio de 1949, pela influência que exerceu sobre políticos, técnicos, e de certa forma serviu de estímulo à imigração dirigida.

Este acontecimento chamou atenção dos nossos dirigentes políticos e de todas as entidades interessadas no desenvolvimento do Brasil. Foram convidados homens de ciência para dar sua contribuição. Essa Conferência não só tratou dos problemas específicos da imigração e colonização mas, em particular, procurou abordar assuntos relacionados ao povoamento do nosso território e à elevação do nível cultural do nosso povo.

A Conferência foi de alto nível e suas conclusões ressoaram pelo Brasil inteiro pois "... o que se aprovou em plenário, após o exame e debate de cerca de 160 teses, representa, sem dúvida, o pensamento geral dos técnicos, dos órgãos públicos, das instituições culturais e de classe e de elementos outros que tomaram parte nos trabalhos. Pode-se dizer que foi o Brasil, pelos seus homens de estudo, pelas suas entidades públicas, por todas as suas correntes de opinião, que se definiu sobre um velho problema nosso e indicou os rumos da imigração colonizadora para o país". (6).

c - Informações sobre os elementos de diferentes nacionalidades que vieram para Goiás e sua inserção nas comunidades locais.

- PORTUGUESES:

Do período da mineração, em que se deu o povoamento de Goiás, praticamente nada se sabe a respeito dos Portugueses que participaram desta fase, e que se fixaram em Goiás.

A referência posterior que se tem a portugueses imigrantes é de um grupo que chegou em torno de 1920, fixando-se na Fazenda Capim Puba (próxima ao atual Córrego do mesmo nome, em Goiânia). Não satisfeitos com os resultados da colheita e condições de vida, optaram por viver no meio urbano, onde seguramente o comércio lhes

proporcionaria mais lucro. Na década de 40 algumas famílias chegaram a Anápolis e dedicaram-se ao comércio, como é o caso do Sr. João Nogueira, que produz até hoje, cerâmica artesanal.

- Espanhois:

Dos espanhóis tem-se apenas notícia da existência de um catalão que se desgarrou da Bandeira de Bartolomeu Bueno da Silva Filho e se fixou, com mais dois companheiros, nas terras onde hoje fica a cidade de Catalão.

Em Anápolis, por exemplo, antes de 1933, já havia famílias espanholas. Hoje existem mais de três delas dedicando-se ao comércio.

Em Goiânia também há cerca de dez famílias dessa nacionalidade que se dedicam a várias atividades mas predomina o comércio e indústria. O Sr. Miguel Navarrete, por exemplo formado em geologia, veio para Goiás em 1952 e inicialmente abriu a firma Exportadora Planalto Ltda. que exportava café de Anápolis para Rio de Janeiro, aproximadamente em 1955; em seguida passou para o ramo de mineração abrindo a firma Mineração Indústria e Comércio de Minério Ltda. - MAM, em 1958, hoje extinta; de 1964 a 1970 atuou como Diretor geral da firma Planalto de Automóveis S/A. em Brasília; em 1965 fundou a Mineradora Montita; voltando para Anápolis, abriu novas firmas: em 1972, a Mineração Santa Fé e a Mineração Jussara e, no mesmo ano ainda, a Lapidação Anápolis. Atualmente reside em Goiânia e continua no mesmo ramo de negócio.

- POLONESES:

Na fase da pecuária aparece, nos anos quarenta do século passado, o primeiro imigrante de que se tem informações mais concretas. Trata-se de Dolega Czerwinski, de nacionalidade polonesa e pertencente ao exército napoleônico. Estabeleceu-se numa vasta área da Chapada dos Veadeiros. Com pretensões muito alviçareiras para a época, dedicou-se à agricultura e à pecuária. Os resultados foram surpreendentes na colheita de trigo mas os sonhos se desmoronaram por falta de meios de transportes e de comunicação. Não conseguiu realizar suas aspirações econômicas. As distâncias dos mercados consumidores eram inatingíveis. Desta forma foi obrigado a se recolher a uma economia de subsistência e esperar tempos melhores.

Wladyslaw Fedorowicz chegou a Goiás provavelmente na década de 30. Residia próximo à Luziânia, numa propriedade rural. Dedicava a maior parte do seu tempo à agricultura mas nas horas vagas ou de grande necessidade econômica atendia aos pedidos para ex

cutar serviços de agrimensura. Algumas de suas memórias estão narradas, por ele próprio, no livro: *Emigracja Polska w Brazylii*. (7) Não se sabe onde está enterrada sua companheira, de origem inglesa, mas seus restos mortais estão em Silvânia.

Em frente à propriedade do Sr. Fedorowicz, residia, por volta de 1952, numa fazenda, a escritora polonesa que escrevia sob o pseudônimo "Jerzy Marlicz". Ela escrevia, de preferência, romances, aventuras vividas na América do Sul. Pouco se sabe a respeito da mesma e seu companheiro.

Em seguida, há notícias referentes a Jan Wladyslaw Kaufer-Wiśniowski que veio a Goiás em 1935 e permaneceu até 1939 quando regressou à Europa para defender sua pátria contra a invasão nazista. Mais tarde, participou do exército polonês no exílio, lutando ao lado dos exércitos francês e inglês. Finda a guerra, casou-se e voltou a Goiás, em 1946, onde exerceu suas atividades profissionais como engenheiro cartógrafo.

Sempre se gabou de ter sido o primeiro hóspede do Grande Hotel. Tanto em diversos municípios, principalmente do norte do Estado, como na própria capital, notam-se seus trabalhos. Primeiramente era funcionário do Estado, lotado na Divisão de Terras e Colonização. Depois trabalhou para a firma Coimbra Bueno & Cia. Ltda. Em Goiânia executou serviços topográficos nas principais ruas e avenidas da jovem capital. Em Ceres trabalhou na demarcação da Colônia Agrícola Nacional de Goiás - CANG. Em Rubiataba demarcou a área para colonização denominada "Mata Azul". Os demais serviços foram executados ao norte do Estado. Faleceu em 1969.

Sua esposa, Sra. Janina Kaufer-Wiśniowska, dedica-se à pintura em porcelana e executa trabalhos em metaloplástica desde 1963. É fácil apreciar seus trabalhos na Feira de Artesanato de Goiânia ao lado dos demais artistas plásticos. A maioria de suas pinturas é inspirada em motivos poloneses.

Em 1938 chegou a Goiânia Kazimierz Bartoszewski, apelidado Kaika, como contratado, mediante concurso, pela firma Coimbra Bueno & Cia. Ltda. em 1937. Ele veio para integrar uma equipe de construção da Nova Capital do Estado de Goiás. Foi transferido para o Serviço Público do Estado, em 29 de julho de 1938, como projetista do Departamento de Viação e Obras Públicas, trabalhou na demarcação das ruas de Goiânia. Colaborou com Estudos e Projetos de vários prédios públicos, como : Museu do Estado "Zoroastro Artia -

ga", Ateneu Dom Bosco, Telefônica e outros. Ainda projetou e desenhou mais de 300 casas particulares. Notam-se ainda hoje, pelo antigo centro de Goiânia, alguns exemplares que ele desenhou. Como arquiteto, seu estilo era diferente dos demais. Talvez por se inspirar em modelos europeus, apresentava certas peculiaridades, como os telhados ponteagudos, por exemplo. O próprio Museu possui traços mais sóbrios, diferenciando-se das demais construções da época.

Projetou também pontes, como a Ponte Pensil sobre o Rio Verde, e desenhou alguns loteamentos em Goiânia. Posto à disposição da Prefeitura de Rio Verde trabalhou ali em projetos de Urbanização.

Em 1950 pediu demissão do cargo e mudou-se, com sua família, para Recife-PE, onde trabalhou para a Marinha Brasileira.

Ao norte do Estado, na cidade de Araguatins, há um imigrante polonês chamado Boleslaw Doroszewski que veio para Goiás antes da Segunda Grande Guerra. É proprietário do Hotel Mogno e possui, em sua propriedade, uma extensa plantação de mogno (*Swietenia Mahogono*).

O Sr. Janusz Gierulewicz é formado em engenharia de minas pela Universidade de Cracóvia e especializado em Cartografia e Aerofotogrametria. Veio para Goiás em 1948, como imigrante, para fazer parte do corpo docente da idealizada Universidade Brasil Central (não chegou a ser criada).

Trabalhou inicialmente na Divisão de Terras e Colonização - DTC da Secretaria da Agricultura. Em 1950 passou a exercer o cargo de chefia da seção de aerofotogrametria no Departamento de Estradas de Rodagem de Goiás - DERGO. Segundo ele, Goiás foi o primeiro Estado da Federação a receber cobertura cartográfica total na escala de 1:100.000.

Atualmente Sr. Janusz dedica-se a levantamentos aerofotogramétricos, para diversos fins, em Goiás e Estados vizinhos.

Devemos mencionar também a professora Zofia Ligenza Stamirowska, diplomada em Belas Artes, pela Universidade de Varsóvia. Emigrou para Goiás no ano de 1957 e dedicou-se ao magistério superior no ramo das artes plásticas. Lecionou no Instituto de Belas Artes da Universidade Federal de Goiás da qual era co-fundadora e se afastou somente ao aposentar-se. Fez exposições individuais em Pe-

trópolis, Rio de Janeiro e Curitiba. Ela lecionou desenho artístico, pintura a óleo, xilogravura, escultura em madeira e outros materiais, modelagem em cerâmica e últimamente estava desenvolvendo a técnica de batique em vidro. Faleceu em 1979, em Goiânia. Apesar da idade era cheia de ânimo e criatividade. Zofia iniciou muitos jovens na arte que desenvolveu com amor e que certamente eles vão prosseguir na eterna busca do belo como ela o fizera durante sua vida.

Chegou também a Goiás em 1949, fazendo parte dos Deslocados de Guerra o Sr. Lech Brzeski. Primeiramente trabalhou nos serviços topográficos da Colônia Agrícola Nacional do Goiás-CANAG, depois na Colônia Agrícola "Bernardo Sayão" no antigo Município de Araguacema. Em seguida executou serviços na NOVACAP e mais tarde em Taguatinga - DF. Até hoje se dedica ao mesmo tipo de atividades. Reside com sua família em Goiânia.

Sua esposa Olga Brzeski, atua no campo social.

Stefan Ujejski, após curta permanência em Ceres, residiu em Anápolis, onde, na Vila Jaiara, em 1966, manteve a primeira floricultura. Era militar, mas também formado em agronomia. Juntamente com sua esposa, ministrava aulas particulares de línguas francesa, inglesa e alemã. Faleceu em Anápolis com 72 anos de idade.

Em Ceres havia outros poloneses como o Sr. Adam Doria - Dernalowicz, que criou os dois primeiros cinemas na região, sendo um em Ceres outro em Rialma. Além dessas atividades tinha também uma fazenda com lavoura de café. Deixou algumas de suas impressões na revista "Przekrój". (8)

Em 1952, na mesma cidade, havia um grupo de pioneiros Deslocados de Guerra constituído de cinco famílias somando ao todo 17 pessoas. (9) Walenty Siwik foi o primeiro serralheiro da região.

Em Rialma residia o Sr. Skowronski, último embaixador da República da Polônia livre. No mesmo município ele possuía e administrava uma fazenda com imenso cafezal.

Ainda encontramos diversas pessoas de descendência polonesa que viveram e vivem em Goiás prestando serviços às nossas comunidades. Como exemplo citamos: Eng. Jan Milewski, fundador e diretor da Sociedade de Mineração de Amianto - SAMA, no município de Niquelândia e Dr. Simão Luty Kosobudzki, clínico geral, falecido recentemente em Goiânia. Veio para Goiás em 1950 à frente de uma mis-

são pioneira de combate à febre amarela. Em 1964 foi indiciado num dos IPMS abertos após a Revolução, vítima de acusações injustas foi preso, torturado e julgado em Brasília, sendo absolvido. Dedicou-se, a seguir, ao exercício de medicina social no norte do Estado. (10)

#### - SÍRIOS E LIBANÊSES:

Os imigrantes árabes, principalmente sírios e libaneses, chegaram a Goiás, possivelmente, no início da primeira década deste século. O fluxo maior acompanhou a Estrada de Ferro. Segundo as pesquisas, os sírio-libaneses procuraram, de preferência, cidades por onde passava a estrada de ferro e também cidades adjacentes, como por exemplo Ipameri e Roncador. Embora Roncador fosse apenas uma estação, o comércio ali era bem desenvolvido, pois foi o final da linha férrea por quase oito anos. Alguns dos imigrantes se estabeleceram em Pires do Rio, que na época já era cidade. Tapiocanga, hoje Engenheiro Balduino, e que já se chamou antes B. Almeida, também teve seu comércio muito promissor. Essa estação serviu de base à Estrada de Ferro até que foi inaugurada a linha até Vianópolis. Entretanto, a partir de 15/09/1924 o movimento comercial decaiu de tal forma nesse povoado que hoje existem ali apenas seis casas. Vianópolis teve, na época, muita importância no cenário comercial; mas isso durou apenas seis anos. A Estrada prosseguiu e, em 1930 os trilhos chegaram a Silvânia e um ano depois a Leopoldo de Bulhões. Anápolis inaugurou seu tráfego ferroviário em 07/09/1935, ocasião em que se torna o principal centro econômico do Estado. Finalmente os trilhos atingem Goiânia, que era o maior centro administrativo e cultural do Estado, em 25/01/1951.

Esses imigrantes, na maioria, mascateavam não só nas cidades e lugarejos já citados como também no interior do Estado, de modo geral. Os mais privilegiados, possuidores de maior suporte econômico, estabeleciam-se em casas alugadas. (11) Muitos acompanharam a trajetória dos trilhos, outros permaneceram nas cidades por eles escolhidas. Novos imigrantes procuravam, de preferência, sempre a ponta da linha e o interior mais próximo. Justifica-se essa atitude pela obtenção de maiores lucros e maior rapidez na aquisição das mercadorias, que vinham de São Paulo. Outras cidades como Catalão, Piracanjuba e mais tarde Itumbiara etc., foram alcançadas por eles. Hoje, entretanto, quase toda cidade possui pelo menos um árabe dedicando-se ao comércio. Silvânia, Jaraguá, Pirenópolis e Itaberaí, porém, fogem à regra, pois desde as primeiras tentativas de penetrações dos sírio-libaneses a população se rebelou, não aceitando comerciantes dessas nacionalidades (12).

Anápolis e Goiânia são dois centros que exerceram e exercem sobre esses imigrantes atração toda especial. Acredita-se que isso decorra do fato de possuírem comércio muito desenvolvido e oferecerem maiores oportunidades de lucro. Também o ensino diversificado exerceu atração sobre eles. A migração de sírio-libaneses e de outras nacionalidades como palestinos e alguns jordanianos para esse núcleo urbanos é muito intenso.

O primeiro libanês chegou a Anápolis em 1906. Hoje esta cidade abriga uma respeitável comunidade árabe constituída de 250 a 300 famílias. Seus descendentes somam aproximadamente 3 a 4 mil indivíduos.

Essa comunidade é a maior do Estado, e muito atuante. Já construiu e atualmente está remodelando sua Igreja Ortodoxa dedicada a São Jorge. Possui ainda uma Sociedade Cristã Ortodoxa de Anápolis e conta com um consulado Sírio. Essas instituições servem como elo de ligação entre as gerações mais velhas e as mais novas, na preservação de seus costumes, língua, religião etc.

Em Goiânia ocorre o mesmo. Há uma Igreja dedicada a São Nicolau, cuja inauguração se deu em 1955 e duas sociedades, a saber: Sociedade Beneficente Ortodoxa de Goiás e Serviço Religioso e Social das Senhoras. Estas associações desempenham o mesmo papel das acima citadas, de Anápolis.

A ocupação desses imigrantes, preponderadamente, foi o comércio. Atualmente seus filhos e netos se dedicam não só às atividades de seus antepassados como também a todos os ramos profissionais mais lucrativos, inclusive à política.

#### - PALESTINOS:

Com relação aos palestinos e possíveis jordanianos, as pesquisas revelam que poucos desses orientais vieram na mesma época dos sírio-libaneses. Um dos palestinos entrevistados, que chegou em 1912, disse ter encontrado conterrâneos seus nas cidades de Catalão, Goiandira, Ipamerí, Formosa etc.

A imigração mais intensa processou-se após 1948, quando foi instalado o Estado de Israel. Por motivos vários, inclusive a guerra de 1967, os palestinos abandonavam sua terra e se dirigiam

ao Brasil. A partir de 1952 até 1978 Anápolis recebeu mais de cem famílias e, em 1979 saíram setenta dessas famílias com destino a Manaus e Rio Grande do Sul. Hoje, em Anápolis, existem mais de trinta e cinco famílias de palestinos. Em Goiânia, algumas destas famílias começaram a chegar a partir de 1955.

Esses imigrantes possuem pequenas lojas com armários, em Anápolis, na rua Gal. Joaquim Inácio; e em Goiânia na Av.24 de Outubro, no setor Campinas.

- ITALIANOS:

As primeiras famílias italianas que vieram de Conquista, Estado de Minas Gerais, se fixaram no meio rural do município de Anápolis onde desenvolvem até hoje a lavoura de café. As terras são férteis. Em aproximadamente 1912 começou a se formar a "Colônia dos Italianos". Essa Colônia alcançou êxito no seu empreendimento, e em 1920 destaca-se como o maior centro produtor de café do Brasil Central, quando para ali se dirigem mais elementos italianos. A Colônia, constituída de gente organizada e trabalhadeira, consegue passar de patrimônio a município, denominando-se hoje Nova Veneza.

Hã notícias da existência de outro núcleo de colonos italianos no município de Natividade, porém não se sabe ao certo a data de sua chegada e as atividades a que esse núcleo se dedicou. Provavelmente à agricultura, como aconteceu com os demais.

Outro grupo da mesma nacionalidade se fixou no município de Inhumas, a partir de 1920. Também nada se sabe a respeito dele até o momento.

Coimbra Bueno, quando governador do Estado, confiante nas promessas das autoridades federais, desejou introduzir doze mil italianos no meio rural do Estado. Posteriormente esse número foi reduzido para 298 pessoas que vieram a Goiás em janeiro de 1951 e se fixaram no município de Rio Verde constituindo a Cooperativa Italiana de Técnicos Agrícolas - CITAG.

O plano era muito ambicioso para aquela época, queriam aproveitar 150.000 hectares de cerrado para diversas lavouras. Por tanto, a CITAG ia se dedicar a viti-vinicultura, lavoura de trigo e oliveira, industrialização de lã, fabricação de massas alimentícias, doces em conservas e outros produtos oriundos da lavoura. (13)

Inicialmente previa-se grande progresso, pois o grupo trouxe consigo maquinária pesada, própria para grandes lavouras. Entretanto as terras destinadas à Cooperativa eram insuficientes e a produção insatisfatória, após o primeiro ano de trabalho. Essa Cooperativa, como as demais, teve o seu fim melancólico.

Há imigrantes italianos dispersos por muitas cidades goianas. Em Anápolis, por exemplo, há mais de seis famílias, uma das quais chegou em 1.940. Como profissionais liberais, na maioria dos casos, eram construtores. O restante era constituído de comerciantes e de proprietários de oficinas mecânicas. Em Goiânia residem mais de vinte famílias que para cá vieram em diferentes datas, porém a maioria chegou entre os anos 50 a 54. São industriais, comerciantes e, alguns chacareiros.

#### - ALEMÃES: (14)

Quando os primeiros alemães chegaram ao Estado corria o ano de 1.920. Das duzentas famílias pretendentes, somente dez empreenderam a aventura e chegaram às terras goianas, talvez seduzidas pela Lei nº 124 de 23 de julho de 1896. (15) Esses colonos foram encaminhados ao município de Santa Cruz. Essa foi a última iniciativa particular com estrangeiros que se conhece, apoiada pelo governo. Aqui eles receberam seus lotes de terra sem o devido estudo da área. Após o fracasso, soube-se que os imigrantes não eram agricultores, e as terras impróprias para o cultivo tradicional, pois os solos eram arenosos. A permanência deles foi curta, e logo se dispersaram.

Em 1.924, o Estado tenta fixar o elemento estrangeiro no meio rural, à margens do rio Uvã. Entretanto, as terras destinadas a eles não foram bem escolhidas e não comportavam todas as 97 famílias, que perfaziam um total de 300 pessoas aproximadamente. Uma parte dos colonos, 55 famílias, foi transferida para cerca de 24 quilômetros mais distante, constituindo uma "sub-colônia" de Itapirapuan e outra, com 42 famílias, ficou nas terras a eles destinadas, constituindo a verdadeira Colônia Alemã de Uva. Nenhum dos grupos alcançou o êxito desejado. O impaludismo dizimou a maioria dos colonos do primeiro grupo. O segundo não se desenvolveu por vários motivos, dentre os quais destacamos: falta de transporte, falta de estradas, terras impróprias, dificuldades de adaptação, falta de escola e de assistência médico-odontológica, etc. Essas e

outras dificuldades levaram os imigrantes ao desânimo e até mesmo ao desespero. Muitos não esperaram os títulos definitivos de seus lotes, que vieram somente dez anos depois. Retiraram-se principalmente para São Paulo. Outros voltaram para a Alemanha.

Em 1948, juntamente com os Deslocados de Guerra, com documentos falsos, vieram alguns alemães. O governador Coimbra Bueno, por sua vez, contratou pessoalmente imigrantes alemães que trabalharam nas obras do Estado.

Dentre os que se destacaram, está o Prof. Gustav Ritter, que chegou a Goiânia em 1949 para lecionar desenho de móveis na Escola Técnica Federal de Goiás. Em Goiânia foi nomeado consul honorário da República Federal Alemã, em 1958. Em 1962 foi co-fundador do Instituto de Belas Artes da Universidade Federal de Goiás. Dedicou-se à escultura em madeira e à pintura em aquarela. Seus trabalhos artísticos foram expostos no exterior e no Brasil. (16)

#### -AUSTRIÁCOS:

Uma família austríaca se radicou na Chapada dos Veadeiros em 1922, e pouco se sabe a respeito dela.

A atual comunidade austríaca em Goiás é pequena. Em Goiânia, por exemplo, existem mais de 12 famílias. Em Anápolis existem cerca de 3 famílias. A mais antiga chegou aí 1933 e as demais em 1954. Em Ceres, no ano de 1960, havia uma. No Estado todo devem residir cerca de 25 famílias.

Membros dessa nacionalidade dedicam-se ao comércio e alguns são construtores.

#### -RUSSOS:

Provavelmente na década de 20 algumas famílias russas viveram na zona rural da cidade de Goiás. Após tentativa infrutífera, por alguns anos, de ganhar a vida no campo, eles se dispersaram. Algumas foram para São Paulo e uma se fixou na então capital do Estado. Posteriormente foi para Anápolis onde o chefe da família, sr. Dimitry Leonteowitch Rechetnikow dedicou-se ao ramo de construção. Em Anápolis, no ano de 1950 havia 5 famílias russas. Hoje, entretanto, conta-se apenas uma vinda de Rubiataba.

Em Rubiataba havia duas famílias de Deslocados de Guerra russos, com um total de 8 pessoas que intruduziram ali o primeiro caminho e se dedicaram ao amanho da terra.

Em Goiânia viveram três personagens ilustres de origem russa: Prof. Phil. Jaroslaw Gutko que veio de Ceres e era eminente filólogo e profundo conhecedor da literatura latina. Prof. Dr. Valerian Znamenskiy, versado em ciência agrônômicas. Dirigiu campos experimentais da Secretaria da Agricultura, ocupando-se na pesquisa de sementes. Escreveu mais de três livros a respeito de suas experiências no cerrado goiano. O Cartógrafo Dimitry Turo - wierow era Coronel da Unidade Cossaca. Através da Ásia veio a Goiás e trabalhou na Divisão de Cartografia do DERGO. Escreveu um livro sobre a "Verdade da Revolução Russa," em russo.

Atualmente vivem em Goiânia, aproximadamente 8 famílias russas. Todas vieram em 1949 como Deslocados de Guerra. Suas atividades profissionais são variadas.

#### - JAPONESES:

O imigrante japonês se fixou em Goiás a partir de 1925. Algumas famílias dessa nacionalidade chegaram ao município de Anápolis e se dedicaram à lavoura, plantando arroz e café. Inicialmente sentiram-se desestimuladas com os resultados das colheitas muito fracas. Algumas famílias se retiraram, outras persistiram. O núcleo recebeu novas famílias, criou novo ânimo e as dificuldades maiores foram superadas. Esse acréscimo substancial ocorreu em 1930, quando quarenta famílias se estabeleceram no meio rural, e as atividades na lavoura foram intensificadas.

Atualmente essa faixa de colonização japonesa situa-se no município de Nerópolis, que se emancipou em 1948.

Contam-se apenas sete famílias, em Nerópolis, que desenvolvem agricultura diversificada e cinquenta famílias, aproximadamente, em Anápolis, dedicando-se às mesmas atividades.

No ano de 1930, penetrando através da estrada de ferro, chegam seis famílias a Pires do Rio, procedentes do Triângulo Mineiro. Adquiriram terras através da compra e se dedicaram à lavoura. Esse grupo começou a dispersar-se a partir de 1945 e atualmente não há japoneses naquele município.

Entre 1931 e 32, deslocaram-se sete famílias de japoneses para Goiandira para trabalhar como empregados rurais. Hoje não há mais nenhuma.

Um dos grupos constituídos por cinco famílias, que havia saído de Pires do Rio, juntou-se a outro vindo do Rio de Ja-

neiro e de São Paulo. Formou-se então uma colônia, em 1945, no município de Inhumas. Como de costume, esses colonos se dedicaram à agricultura, plantando arroz e café. Anos depois, a lavoura foi abandonada e no lugar dela introduziu-se a pecuária, que perdura até hoje. Um dos japoneses dedica-se ao comércio no meio urbano, São aproximadamente vinte famílias ao todo, morando em Inhumas.

Para o município de Ceres, em 1948, dirigiram-se 20 famílias, por ocasião da formação da Colônia Agrícola Nacional de Goiás. Hoje resta apenas uma família.

No mesmo ano, chegaram ao município de Trindade três famílias que se dedicaram à lavoura de arroz, feijão e milho.

Os imigrantes nipônicos, após haverem experimentado os trabalhos na lavoura, mudaram-se para centros urbanos. Goiânia, Anápolis e Brasília absorveram o maior número deles. Somente no chamado cinturão verde de Brasília há mais de três mil japoneses dedicando-se às atividades horti-fruti-granjeiras e a floriculturas.

O motivo principal que os levou a se transferirem do meio rural ao urbano foi a falta de escolas para seus filhos. Nas cidades maiores havia colégios de segundo grau, profissionalizantes e até universidades.

Em Nerópolis, muitos deles conservam até hoje suas propriedades rurais cuja administração é praticada à distância.

Os primeiros imigrantes japoneses que chegaram a Goiás são hoje, na quase totalidade inativos, por não suportarem mais os serviços pesados da lavoura, devido à idade. Essas e outras tarefas foram transferidas a seus filhos e netos, que hoje desempenham, também, inúmeras profissões liberais.

Em Goiânia, onde a comunidade é maior, nota-se a presença de um clube social composto de 100 sócios japoneses e 500 nisseis; existem três academias de artes marciais e um templo situado na Vila Bandeirantes. Essas instituições facilitam melhor entrosamento entre a juventude e os adultos, e a preservação da religião, da língua e dos costumes. Nota-se o crescimento cada vez maior da imigração japonesa no Estado de Goiás.

Há famílias isoladas, dessa nacionalidade, em muitos municípios goianos como Itapaci, Itumbiara e outros. Entretanto, a falta de informações faz-nos deter apenas nos dados expostos.

- LETOS:

Conhece-se apenas duas famílias em Anápolis e nenhuma em Goiânia. Uma família é radicada antes de 1933 e outra veio em 1968.

- "Deslocados de Guerra", com predominância de poloneses.

Passados vinte e cinco anos da experiência malograda da Colônia Agrícola de Uvã, o Estado de Goiás, desejando aumentar a produção agrícola e introduzir novas técnicas na lavoura, condizentes com os tempos modernos, resolveu valer-se dos "Deslocados de Guerra".

Para dar início a essa nova corrente de imigração, houve necessidade de tomar certas medidas relativas à acomodação e ao encaminhamento desses imigrantes. Assim, criou-se o serviço de imi-gração, adaptou-se a Penitenciária do Estado para servir também de Hospedaria, facilitou-se a instalação do gabinete de representação da Organização Internacional de Refugiados - OIR e outras providências foram tomadas.

Em novembro de 1948 chegou a primeira leva de imigrantes, mais tarde chegaram outras. Todos eram encaminhados, conforme sua especialidade, às empresas que necessitavam daquela mão-de-obra. Entretanto, como o Brasil desejava e recrutava na Europa uma maioria esmagadora de agricultores, prometendo-lhes terras e outras facilidades, havia grande número deles desejosos de lavrar sua pró-pria terra. Em Goiás esses imigrantes fizeram pressão para que o governo cumprisse as promessas. Diante das reivindicações, decidiu se formar duas Cooperativas onde os Deslocados de Guerra pudessem desenvolver seu trabalho e satisfazer suas aspirações. Parte dos imigrantes aceitaram, muito a contra gosto, essa nova forma de trabalhar a terra.

Em 1949 formaram-se duas Cooperativas, para onde foram encaminhados aqueles que desejavam ter suas terras.

Essa experiência não surtiu bons resultados devido à falta de apoio necessário por parte do governo; os solos já estavam desgastados, havia desentendimentos, inclusive entre cooperados. Estes e outros fatores fizeram com que as Cooperativas fracassassem.

Considerável número desses Deslocados encontra-se hoje em Goiânia, desenvolvendo atividades as mais diversas, e elementos isolados estão disseminados pelos demais centros urbanos do Estado.

Fazem parte dos Deslocados de Guerra várias nacionalidades como: russos, ucranianos, poloneses, iugoslavos, tchecoslovacos, búlgaros, estonianos, letos, lituanos, albaneses, húngaros, rumanos e outros.

- GREGOS:

Presume-se que o primeiro grego a chegar em Goiãs foi o Sr. Pedro Stefano Minadakis e sua família, em 1949.

O senhor Pedro foi o fundador de diversas firmas, como o Oleoquímica Goianésia Ltda., em 1950; Mineralto, em 1964 e Lapidacão Tocantins, em 1969.

Em torno de 1952 chegaram em Goiânia seis pessoas vindas da Grécia e logo um ou dois anos depois vieram mais quatro. Em 1956 três pessoas se retiraram. Hoje residem em Goiânia mais de quinze famílias gregas.

Em Anápolis, por volta de 1957, havia três famílias, mas estas se retiraram para Brasília.

Os gregos em Goiãs dedicam-se, na sua maioria, ao comércio, (restaurantes, armazéns, hotelaria, etc.) e apenas um se dedica às artes: é o Prof. Angelo André Ktenas. O professor Angelo, após ter cursado o Instituto de Belas Artes da Universidade Federal de Goiãs, entre 1961 e 1966, montou seu atelier, em 1966, no setor Universitário. É professor no mesmo Instituto onde estudou, lecionando modelagem e escultura. Possui mais de 280 trabalhos realizados, que ornaram praças e jardins públicos de inúmeras cidades brasileiras e estrangeiras.

Esse grupo está ligado, religiosamente, à comunidade sírio-libanesa pois seus membros professam a religião Católica Apostólica Grega e frequentam a Igreja São Nicolau.

- FRANCESES:

Na década de 50, havia de três a quatro famílias francesas dedicando-se à lavoura próxima à cidade de Anápolis, onde hoje foi construída a Base Aérea Militar. Mais duas famílias trabalharam em minas de cristal no município de Corumbá de Goiãs. No entanto, com o surgimento de Brasília, todas essas famílias se retiraram para lá.

- LATINO - AMERICANOS:

Os estudantes da América Latina, entre 18 e 25 anos, começaram a chegar a Goiânia na década de 70. Vieram frequentar cursos superiores, graças a convênios culturais firmados entre o Brasil e vários países latino-americanos.

Após permanência de 4 a 6 anos em Goiãs, já devidamente aclimatados e habituados aos nossos costumes, uma vez concluídos cursos universitários, optaram pela permanência entre nós, tornando-se dessa forma imigrantes. Segundo as declarações dos entrevista -

dos, os motivos predominantes dessa permanência são: a - padrão educacional mais elevado no Brasil do que nos países de origem; b - oportunidades melhores de trabalho; c) - constituição da família (casamento com elementos nacionais) e d- afinidade de língua e costumes.

Em resumo podemos apresentar o quadro abaixo:

IMIGRANTES LATINO - AMERICANOS SEGUNDO A NACIONALIDADE, PROFISSÃO  
QUANTIDADE E LOCALIDADE

Nacionalidade	Profissão	Quantidade	Localidade	
Boliviana	Medicina e			
	Odontologia	06	Goiânia	
	Medicina	01	Interior	
	Odontologia	01	"	
	Estudante	20	Goiânia	
Chilena	Educ. Física	01	Goiânia	
	Odontologia	02	"	
	Medicina	01	Interior	
	Estudante	02	Goiânia	
Colombiana	Medicina	01	Goiânia	
Costa Riquenha	Estudante	02	Goiânia	
Salvadorenha	Odontologia	01	Goiânia	
	Veterinária	01	"	
	Adm. Empresas	03	"	
	Estudante	05	"	
Nicaraguense	Veterinária	01	Goiânia	
	Economia	01	"	
	Veterinária	01	Jataí	
	Estudante	05	Goiânia	
Paraguaia	Estudante	20	Goiânia	
Peruana	Medicina	03	Goiânia	
	Veterinária	02	"	
	Agronomia	02	"	
	Jornalismo	01	"	
	Arquitetura	01	"	
			02	Gurupí
			01	Goianésia
	Estudante	10	Goiânia	

- CHINESES;

Há mais de dez famílias residentes em Goiânia. Vieram na década de 70 e dedicam-se ao comércio, lanchonetes e restaurantes à moda oriental.

Em Anápolis também havia duas famílias porém já se retiraram.

- COREANOS;

Esses orientais vieram para Goiás na década de 80. Uma pessoa dedica-se à medicina e a outra é estudante.

Seguramente existem outras nacionalidades nos mais recônditos lugares do Estado, como suíços, holandeses, ingleses, egípcios e outros, como por exemplo, os americanos em Anápolis e Vianópolis. Algumas famílias vindas recentemente, outras radicadas há muitos anos e, ainda outras das quais não restam mais vestígios. Seus filhos, netos e mesmo bisnetos não sabem informar com relativa precisão alguns dados mais simples, como a nacionalidade e a data de chegada de seus antepassados. Portanto as fontes são inseguras e o tema merece pesquisas confiáveis.

Muitos dos imigrantes, quando abordados, demonstram uma apatia, uma falta de interesse inexplicável. O pior ocorre com as correspondências. É preciso muita insistência para obter biografia razoável. Essa cobrança constante, muitas vezes, leva o pesquisador a desistir da busca de maiores informações.

Para finalizar, deve-se fazer referência a notícias a respeito de grupos alienígenas chamados "exóticos", que possuem costumes "estranhos" segundo os leigos.

Um desses grupos é messiânico, segundo informam, e parece-nos pertencer à religião paleo-ortodoxa; falam a língua eslava, sua indumentária é parecida com a dos povos da Europa Oriental. Essa comunidade dedica-se à agricultura e a religião é o sustentáculo e motivo básico da coesão do grupo. Pelas últimas notícias esse grupo habitava o município de Paraúna.

O outro grupo é originário da América do Norte e de religião protestante. Seus membros vestem-se com roupas escuras e suas habitações são feitas de madeira. Dedicam-se à agricultura e usam ferramentas rudimentares.

GRUPOS QUE PRETENDIAM VIR PARA GOIÁS E NÃO CONSEQUIRAM;

Inicialmente, em 1888, temos notícias de um grupo de 25 famílias belgas que desejava se instalar no meio rural, em duas leguas de terra, e desenvolver atividade agrícola. (17).

Posteriormente, a partir, de 1912, há número razoável de colonos que chegou e se fixou no Estado. E, a partir de 1920 até 1950 outros grupos desejaram emigrar para Goiás. São os seguintes:

- portugueses originários da Ilha da Madeira, em sua grande maioria agricultores, queriam trabalhar na lavoura;
- famílias proprietárias de terras e bens na Indochina e na França interessaram-se pela criação, em grande escala, de ovinos, e também pela industrialização de lã;
- famílias espanholas interessadas em desenvolver atividades agrícolas;
- famílias sírias e libaneses que gostariam de trabalhar na lavoura;
- grupo de húngaros que pretendiam formar uma Cooperativa Húngara Agro Pecuária;
- grupos de holandeses que gostariam de formar Cooperativa Agrícola e se instalar em três pontos diferentes do Estado;
- grupo de filhos de fazendeiros americanos, dotados de maquinário e pequeno capital, também mostraram interesse em explorar terras goianas;
- 500 famílias austríacas procuraram entendimentos com o governo goiano para se estabelecerem na zona agrícola do nosso Estado; (18)
- Suevos do Danúbio, amparados pela CARITAS, tinham escolhido uma gleba de terra no município de Itaberaí, faltando apenas os entendimentos finais. Infelizmente estes não foram concretizados e os mesmos partiram para o Estado de Paraná onde tiveram seus desejos atendidos plenamente, fazendo crescer e progredir uma vasta região onde se localiza hoje o município de Guarapuava, com florescente centro urbano de mesmo nome.

Todos estes iniciaram as negociações para terem condições se instalarem em Goiás, por inúmeros motivos, optaram por outros pontos do Brasil ou mesmo por outros países. (19).

Os imigrantes em Goiás vivem atualmente em bom entendimento e integração tanto entre si como com o elemento nacional. De modo geral vieram para ficar, e com um objetivo único: construir vida nova, alicerçada no trabalho e na compreensão, e buscando aqui a paz e a prosperidade, que na maioria dos casos não conseguiram em sua própria pátria.

## NOTAS

- 01 - Este é o primeiro trabalho que tem por abrangência o Estado de Goiás. É possível que haja alguma falha. Pedese à pessoa que notar certas imprecisões ou tiver informações a acrescentar, favor entrar em contato com os autores através de telefone (062) 261-29.81, ou Caixa Postal, 770, CEP 74.000.
- 02 - Queremos ainda mencionar um outro aspecto relacionado com a imigração: é que ela pode ser espontânea ou dirigida. Espontânea quando o grupo sai livremente, e assim escolhe o local para morar. Já a dirigida faz-se, geralmente, sob controle do governo ou de alguma organização internacional que acompanha o grupo até sua instalação no local definitivo.
- 03 - Desejamos esclarecer que pessoas que entram e saem do país por curto espaço de tempo não se incluem entre esses imigrantes. Podem ser turistas, trabalhadores qualificados a serviço do governo ou de grandes firmas, diplomatas, estudantes de nível superior, etc. Esses tipos de deslocamentos são previstos em Leis Internacionais, e o controle dos mesmos é feito através de documentos oficiais, dos quais os mais usuais são o passaporte e os vistos de permanência.
- 04 - Cf. WACHOWICZ, Ruy Christovam. Conjuntura Emigratória Polonesa no Século XIX, in: Anais da Comunidade Brasileiro-Polonesa. Curitiba, Superintendência das Comemorações do Centenário da Imigração Polonesa ao Paraná, 1970, Vol. 1, p.9 - 27.
- 05 - Cf. MAGALINSKI, Jan. Deslocados de Guerra em Goiás - imigrantes poloneses em Itaberaí. Goiânia, Ed. da Universidade Federal de Goiás, 1980, 265, p., il. (Coleção Documentos Goianos Nº 8).
- 06 - FEDOROWICZ, Wladyslaw. Miernik w interiorze, in: Emigracja Polska w Brazylii - 100 lat osadnictwa. Warszawa, Ludowa Spółdzielnia Wydawnicza, 1971, p. 380 - 405.
- 07 - BRASIL. Conselho de Imigração e Colonização. I Conferência Brasileira de Imigração e Colonização. Rio de Janeiro, CIC, 1949, p.9.
- 08 - STEINHAUF, Jerzy. Jak Wedrowy Ptak, in: Przekrój. Warszawa, Nº 1.452, 4 AGO 1973, p.6 e 7.

- 09 - Estamos realizando um estudo que diz respeito a Deslocados de Guerra e sua contribuição ao desenvolvimento sócio-cultural-econômico de Goiânia.
- 10 - Cf. O Popular. Opinião. Ano XLV, Nº 11.424, 4 OUT 1983, p., Col. 4 e 5 e Folha de Goiás, Cidade /Estado. Ano XLIV, Nº 11.666, 6 OUT 1983, p.8, col.3.
- 11 - O aluguel de uma casa com duas portas para o comércio valia aproximadamente \$400 Rs.
- 12 - Segundo dados de entrevista com ex-comerciante de nacionalidade libanesa.
- 13 - Cf. Folha de Goiás. Imigrantes para Goiás. 23 de dezembro de 1950.
- 14 - A respeito dos alemães foi apresentado em 3 de junho de 1982, na Câmara Municipal de Goiânia, a convite do então vereador, Prof. Idelfonso Avelar, palestra contendo mais dados sobre a imigração alemã em Goiás. Esse trabalho deverá ser publicado no 3º volume da Revista do Instituto de Ciências Humanas e Letras - ICHL, da Universidade Federal de Goiás.
- 15 - Concessão gratuita de lotes de terras devolutas de 50 a 150 hectares, isenção de pagamentos de impostos estaduais pelos produtos advindos da sua lavoura e de indústria e profissão, por dois anos. Outra Lei concedia mais favores aos imigrantes como no caso de pagamento de transporte no solo goiano, desde que fosse atestada sua fixação definitiva.
- 16 - RADEMACHER, Gudrum. Alemães. O Popular, 9 DEZ 1981.
- 17 - BRITO, Maria Helena de Oliveira. A Colônia Alemã de Uvã - uma tentativa oficial de colonização em Goiás. Goiânia, 1981, Dissertação de Mestrado no ICHL da UFG., Xerografado, p.23.
- 18 - Cf. Folha de Goiás. Técnicos de Imigração em Goiás, 12 AGO 1950.
- 19 - Vide as referências em : Magalinski, Jan, Deslocados de Guerra em Goiás - imigrantes poloneses em Itaberaí, Op. cit., p.63 e ss.

## RESUMO

Os autores prestam uma homenagem aos imigrantes que ajudaram a construir Goiânia por ocasião do seu Cinquentanário. Con - ceituam as palavras imigrante, emigrante e migrante e falam das possíveis causas do fenômeno migratório universal. O objetivo do trabalho é focalizar a imigração em Goiás. Por isso eles mostram a fixação de imigrantes de diversas procedências.

Primeiramente citam elementos isolados e depois grupos por nacionalidade, dando uma descrição muito resumida a respeito de cada grupo. Mencionam também aquelas nacionalidades que tiveram pretensões de se fixar no solo goiano, e por motivos diversos, não chegaram a vir.

Ao longo da exposição aparecem nomes que se destacaram, ou por pioneirismo ou por trabalhos que desenvolveram em prol de certas comunidades. Referem-se à quase inexistência de documentos e à não preocupação, por parte dos historiadores, em documentar esse fenômeno da imigração ao Brasil e de modo especial em Goiás.

Há referências às seguintes nacionalidades: portugueses, espanhóis, poloneses, sírio-libaneses, palestinos, italianos, alemães, austríacos, russos, japoneses, letos, grupo de várias nacionalidades, predominando os poloneses (deslocados de guerra), gregos, franceses, belgas, latino-americanos, chineses e coreanos.

## RESUMÉ

À l'occasion de la 50ème année de la ville de Goiânia nous voulons, avec ce travail, rendre hommage aux immigrants qui ont donné leur aide pendant sa construction. Les auteurs cherchent aussi définir les concepts attribués aux mots "immigrants", "émigrants" et "migrants" au même temps qu'ils parlent des causes possibles du phénomène migratoire universel. Mais le but premier de ce travail est celui d'aborder de plus près l'immigration à Goiás. Ainsi les auteurs montrent comment s'est faite la fixation des divers immigrants en notre Etat en provenant des différents pays.

Premièrement il est abordé le problème de l'immigrant solitaire, ensuite ils étudient les groupes d'immigrants par nationalité, donnant ainsi une description, aussi restreinte que possible, de chacun des ces groupes. Ils parlent des ces nationalités qui ont cherché à s'installer définitivement à Goiás, mais que pour des raisons diverses n'ont pu accomplir leur objectif.

Au long de cette exposition apparaissent des noms d'immigrants qui ont occupé une place spéciale dans le contexte goyannais soit par leur travail pionnier, soit par leurs efforts en bénéfice de tel ou tel groupe, de telle ou telle communauté. Il est bon de rappeler ici les difficultés trouvées par les auteurs en ce qui concerne la documentation sur le thème, inexistante pour la plupart des cas. Ce problème peut être imputé aux historiens qui n'ont pas accordé au sujet l'importance qu'il mérite.

Quant aux nationalités qui ont été étudiées par les auteurs le matériel trouvé est plus riche pour les Portugais, les Espagnols, les Sirio-Libanais, les Palestiniens, les Italiens, les Allemands, les Autrichiens, les Russes, les Japonais, les Grecs, les Français, les Belges, les Latino-Américains, les Chinois, les Coréens ainsi que les groupes de plusieurs nationalités à prédominance polonaise (surtout les victimes de guerre).